

## A EDUCAÇÃO EM "A RIQUEZA DAS NAÇÕES" DE ADAM SMITH: UMA INTRODUÇÃO

José Damiro de Moraes<sup>[1]</sup>

Adam Smith (1723 – 1790) nasceu em Kirkcaldy, Fifeshire, Escócia, filho de uma família de classe alta. Como homem do seu tempo, a obra de Smith, "A Riqueza das Nações" (a primeira edição data de 1776), estava impregnada pelas concepções filosóficas presentes na Inglaterra no período, sendo considerada como um produto do desenvolvimento do capitalismo.

O século XVIII foi marcado pelo avanço das forças de produção que começa a se caracterizar com a produção em massa essa revolução dos meios de produção tem como local privilegiado a Inglaterra. A era capitalista entrou como superação do sistema de acumulação feudal. Contudo, ela não aconteceu de forma homogênea pela Europa, alguns Estados avançaram mais que outros, como por exemplo a Inglaterra, que teve como fulcro as revoluções burguesas ocorridas no século anterior.

A partir de 1730 e, principalmente, a partir de 1760, a manufatura foi sendo substituída pelas novas invenções que permitiram a multiplicação da produtividade do trabalho humano. Esses avanços trouxeram novas relações nas estruturas econômicas e sociais

*Os operários trabalham mais (mais dias ao ano) e as mulheres e as crianças são postas a trabalhar. O salário familiar aumenta até o mínimo de subsistência, mas por uma quantidade de trabalho extraordinariamente aumentada<sup>[2]</sup> (grifos do autor).*

Tendo por objetivo traçar um panorama do século XVIII, iremos destacar alguns dados históricos ligados a educação na Inglaterra deste período.

O século XVIII ou Século das Luzes foi muito produtivo no aspecto cultural, principalmente entre os anos de 1751 a 1765 em que ocorreu a redação da "*Enciclopédia das ciências, das artes e dos ofícios*", marcando uma virada na história da cultura. Entre os líderes deste movimento encontram-se Diderot, Condillac, Helvetis, D'ambert, Holbach e La Metrie, radicais que cultuavam a clareza, o método, a ordem e a ilustração.

Entre os pensadores do período podemos destacar, entre vários, Diderot que começa a perceber o desenvolvimento do capitalismo através das forças que operam a mudança naquele momento "o artesão pela mão-de-obra, o acadêmico pelas suas luzes e orientações, o homem rico pelo custeio das maquinarias" (Manacorda, 2001, p.241).

Não podemos perder de vista também os avanços das ciências, sobretudo pela descobertas da física, astronomia e da matemática, que vinham do século XVII e que nos séculos das luzes tomaram rumo para o campo da Química e das Ciências Naturais. Esse movimento, na virada dos séculos, concretizou a fundação das primeiras cátedras científicas; e o surgimento dos primeiros observatórios, jardins botânicos, museus e laboratórios científicos

O século das luzes se inicia sob a influência de Newton, que vai assegurar às universidades inglesas um avanço científico proeminente. O movimento científico e experimental se difunde por todos os países e universidades, desde a Universidade de Moscou fundada em 1755, até a de Coimbra, renovada pela reforma pombalina de 1772, passando pela Universidade de Göttingen, na Alemanha, sob influência de Leibniz, pelas universidades de Upsala na Suécia, Edimburgo na Escócia e Nápoles e Catânia na Itália<sup>[3]</sup>.

Na Inglaterra, a educação também começa a sofrer mudanças como consequência dos avanços científicos do iluminismo. Na primeira metade do século, as universidades e colégios dobram suas anuidades, tornando-se acessíveis apenas à nobreza e à alta burguesia. Por outro lado, Eby chama a atenção para o fato da educação inglesa ter como base a caridade (essa característica será comentada por Adam Smith como veremos mais adiante)

Os educadores ingleses eram incapazes de conceber a educação de outra forma que não fosse uma caridade. O resultado foi que, durante o século XVIII, todos os movimentos para melhoria de escolas vieram, necessariamente, dos esforços de indivíduos ou sociedades beneficentes. Quatro desses, as escolas de caridade, a escola dominical, as escolas pré-primárias e o movimento socialista foram devidos ao novo espírito de benevolência; (...) O movimento de escolas de caridade na Inglaterra atingiu seu clímax durante o século XVIII<sup>[4]</sup>.

Após essa rápida introdução do século XVIII, faremos uma apresentação da visão educacional de Adam Smith.

A princípio, Adam Smith desenvolve uma importante idéia, que orienta sua obra, ao conceber a divisão do trabalho como um fator de desenvolvimento da sociedade e do próprio produto do trabalho. Sua análise parte para a vantagem da utilização da divisão do trabalho em operações dentro de fábricas como sua observação em uma fábrica de alfinetes

Um operário não treinado para essa atividade (*fabricação de alfinetes*) (que a divisão do trabalho transformou em uma indústria específica) nem familiarizado com a utilização das máquinas ali empregadas (cuja invenção provavelmente também se deveu à mesma divisão do trabalho), dificilmente poderia talvez fabricar um único alfinete em um dia, empenhando o máximo de trabalho<sup>[5]</sup>.

Assim, a facilidade e aumento da produção são inegáveis mediante ao desenvolvimento do sistema produtivo merecendo destaque o fim/substituição de um sistema de produção que começa a naufragar no século XVIII, como assinala Santoni Rugiu

o definitivo desaparecimento do regime das Corporações (mesmo se em alguns estados a sua supressão legal acontecerá na primeira metade do século sucessivo), ou melhor, daquilo que ficou do velho regime, principalmente o fim da sobrevivência das oficinas artesanais operante também como comunidades formativas que transmitiam um completo pacote de conhecimento e de habilidades operativas, junto às justas interiorizações da ideologia de ação herdada por cada ofício<sup>[6]</sup>.

Essa consideração é importante para tentar delinear a visão educacional de Smith, pois o autor acredita que esses avanços na produção são devido à ação do que ele denomina de filósofos e pesquisadores

Contudo, nem todos os aperfeiçoamentos introduzidos em máquinas representam invenções por parte daqueles que utilizam essas máquinas. Muitos deles foram efetuados pelo engenho dos fabricantes das máquinas, quando a fabricação de máquinas passou a constituir uma profissão específica; alguns desses aperfeiçoamentos foram obras de pessoas denominadas filósofos ou pesquisadores, cujo ofício não é fazer as coisas, mas observar cada coisa, e que, por essa razão, muitas vezes são capazes de combinar entre si as forças e poderes dos objetos mais distantes e diferentes. Com o progresso da sociedade, a filosofia ou pesquisa torna-se, como qualquer ofício, a ocupação principal ou exclusiva de uma categoria específica de pessoa<sup>[7]</sup>.

Smith considera também que a educação cumpre um papel na diferenciação dos indivíduos e em seus talentos naturais a "diferença entre as personalidades mais diferentes, entre um filósofo e um carregador comum da rua, por exemplo, parece não provir tanto da natureza, mas antes do hábito, do costume, da educação ou formação" (Smith, 1996, v.I, p.75).

O valor dado a um produto também está ligado a qualificação do trabalhador, ou melhor, como compensação do tempo empregado para aprender e desenvolver seu conhecimento.

(...) se um tipo de trabalho exige um grau incomum de destreza e engenho, a estima que a pessoa têm (sic) por esses talentos naturalmente dará ao respectivo produto um valor superior àquele que seria devido ao tempo nele empregado. Tais talentos raramente podem ser adquiridos senão mediante longa experiência e o valor superior do seu produto muitas vezes não pode consistir em outra coisa senão numa compensação razoável pelo tempo e trabalho despendidos na aquisição dessas habilidades<sup>[8]</sup>.

Smith faz uma análise do trabalhador e sua prole e a estreita relação com a educação, dizendo que as famílias numerosas dificilmente irão conseguir condições para custear a educação dos filhos

A pobreza, embora sempre desestimule o casamento, nem sempre o impede. Pelo contrário, parece até favorecer mais a procriação. (...)

(...) Entretanto, a pobreza, embora não evite a procriação, é extremamente desfavorável à educação dos filhos. A tenra planta é produzida, mas o solo é tão frio e o clima tão rigoroso, que logo murcha e morre<sup>[9]</sup>.

Em uma sociedade que passa por mudanças, o velho sistema de aprendizes, herança do sistema feudal, vai perdendo lugar e a forma de transmitir o conhecimento nas oficinas torna-se desvantajoso para o patrão, pois

Os que não podem dar dinheiro, dão tempo, ou então permanecem sem remuneração por um período de anos maior do que o costumeiro – um tratamento que, além de não ser sempre vantajoso para o patrão, devido à habitual preguiça dos aprendizes, representa sempre uma desvantagem para estes últimos<sup>[10]</sup>.

Por outro lado, as dificuldades de formação aliadas aos gastos em manter um jovem são garantia de que futuramente sua remuneração deverá ser alta; em outras palavras, podemos entender que apenas aqueles que têm condições de financiar a educação dos filhos estarão garantindo uma posição melhor na sociedade

A formação para as artes inventivas e para as profissões liberais é ainda mais cansativa e dispendiosa. Em conseqüência disso, a remuneração de pintores e escultores, de advogados e médicos deve ser muito superior, e realmente o é.

(...) O grande dispêndio de tempo e de dinheiro necessário para formar um profissional dessa categoria, se aliado a essa circunstância, aumenta necessariamente ainda mais o preço do trabalho<sup>[11]</sup>.

Seguindo esta visão, Smith critica a noção de educação vigente no período, a educação caritativa

Tem-se atribuído tamanha importância a que seja educado um número adequado de jovens para certas profissões, que às vezes o público ou a piedade dos fundadores privados tem estabelecido muitos pensionatos, escolas, bolsas de estudo etc. para finalidade – o que faz com que a essas profissões ocorra um número de pessoas muito maior do que os que normalmente as abraçariam. Em todos os países cristãos, creio que a formação da maior parte dos eclesiásticos é paga dessa forma. Pouquíssimos são totalmente formados às próprias expensas. Acontece então que a educação longa, cansativa e dispendiosa desses elementos nem sempre lhes proporcionará uma remuneração conveniente, uma vez que a igreja está cheia de pessoas que, para conseguir emprego, estão dispostas a aceitar uma remuneração inferior àquela à qual lhes daria direito a formação que tiveram; dessa forma, a concorrência dos pobres sempre absorve e desvia a remuneração dos ricos<sup>[12]</sup>.

A preocupação de Smith com a formação dos jovens com oneração do público e sua estreita relação com a desqualificação da profissão e a conseqüente desvalorização salarial, merecem destaque

Em profissões nas quais não existem benefícios, tais como o Direito e a Medicina, se um contingente igual de pessoas fosse formado às expensas públicas, a concorrência logo cresceria a tal ponto que a remuneração pecuniária desses profissionais baixaria muito; poder-se-ia chegar à situação de que já não valeria a pena os pais formarem um filho às suas custas para essa profissão. Os meninos e rapazes ficariam então inteiramente abandonados à formação dada pelos institutos de caridade e devido ao grande número e às necessidades, teriam que contentar-se (*sic*) com uma remuneração muito miserável, para degradação completa das profissões do Direito e da Medicina, hoje tão respeitadas<sup>[13]</sup>.

O autor entende que, quanto mais profissionais forem formados ocorrerá uma saturação no mercado, diminuindo a remuneração e desprestigiando a atividade.

Desta forma, a numerosa categoria dos professores é prejudicada, devido ao fato de que

(...) a remuneração costumeira do professor ilustre não tem proporção alguma com a do advogado ou a do médico; isso porque a profissão de professor está apinhada de pobres formados às expensas do público, ao passo que entre advogados e médicos são muito poucos os que não se tenham formado às próprias custas. Todavia a remuneração costumeira dos professores públicos e particulares seria sem dúvida ainda menor, se não se tivesse excluído do mercado a concorrência daqueles letrados ainda mais pobres, que escrevem apenas para ganhar o pão. Antes da invenção da imprensa, os termos "letrado" e "mendigo" parecem ter sido mais ou menos sinônimos. Ao que parece, os reitores das universidades muitas vezes outorgam a seus professores e alunos licença para mendigar<sup>[14]</sup>.

Smith apresenta no Livro Quinto de A Riqueza das Nações, um capítulo intitulado *Os gastos do soberano ou do Estado* em que aborda os gastos com a defesa, com a justiça, com as obras e com as instituições públicas. Nesse momento, o autor começa a apresentar preocupações no que dizem respeito ao reconhecimento da profissionalização do professor e sobre a educação para a juventude, entre outras.

Longe de uma educação financiada pelo Estado ou pelo soberano, Smith logo de início mostra que o salário ou rendimento do professor provém do que o estudante paga ao mestre

Em algumas universidades, o salário representa apenas, e muitas vezes uma pequena parte, dos emolumentos do professores, cuja maior parte provém dos honorários ou remunerações pagos pelos seus alunos. (...) Em outras universidades, o professor está proibido de receber quaisquer honorários ou remunerações de seus alunos, constituindo seu salário a fonte exclusiva do rendimento que ele auferir de seu ofício<sup>[15]</sup>.

A justificativa e o entendimento de Smith está no compromisso do professor em ensinar, o que pode ser negligenciado em comum acordo com outros membros da sua corporação, exemplificando o caso

Se a autoridade à qual o professor está sujeito reside na corporação, no colégio ou na universidade de que ele próprio é membro, e em que a maioria dos demais membros, pessoas como ele, que são ou deveriam ser professores, provavelmente farão causa comum: serão muito indulgentes entre si, cada um consentindo em que seu vizinho possa negligenciar seu dever, desde que ele próprio também seja permitido negligenciar<sup>[16]</sup>. (grifo meu)

Para que o trabalho e o objetivo do professor não seja prejudicado, o autor considera que deve existir um controle da frequência

Sem dúvida, a força e a coação podem, até certo ponto, ser necessárias para obrigar crianças ou rapazes muito jovens a assistirem às aulas relativas a matérias consideradas essenciais durante o primeiro período da vida; todavia, depois dos doze ou treze anos de idade, desde que o professor cumpra seu dever, dificilmente serão necessárias a força ou a coação para ministrar todas as matérias educacionais<sup>[17]</sup>.

As atenções educacionais em A Riqueza das Nações avançam no sentido de refletir sobre a metodologia do professor e a disciplina dos alunos e, quando necessário, se

o professor não está agradando os alunos deve adotar outra metodologia para que os alunos se interessem, lendo e interpretando, e caso isso não faça que os alunos freqüentem suas preleções sem desprezá-las e ser exposto a zombarias, deve usar da disciplina do colégio<sup>[18]</sup>.

O docente Smith defende para seus colegas que não há a necessidade de recorrer a corporação para a proteção em dispensa sem causa justa

a maneira mais provável de obter tal proteção não é mostrar capacidade ou diligência profissional, mas mostrando-se obsequioso à vontade de seus superiores e dispondo-se, a qualquer momento, a sacrificar a essa vontade os direitos, os interesses e a honra da corporação da qual é membro<sup>[19]</sup>.

Ler, escrever e calcular são matérias essenciais e são aprendidas em escolas particulares; e é muito raro alguém que deixe de aprender no grau que se faz necessário.

Adam Smith faz uma descrição do funcionamento da educação

Na Inglaterra, as escolas públicas são muito menos corruptas do que as universidades. Nas escolas, ensina-se aos jovens - ou ao menos pode-se ensinar-lhes - grego e latim, isto é, tudo aquilo que os professores pretendem ensinar, ou que, como se acredita, deveriam ensinar. Nas universidades, não se ensinam à juventude as ciências que essas corporações têm por finalidade ensinar, e nem sempre consegue encontrar nas mesmas meios adequados para aprendê-las. A remuneração do professor de escola, na maioria dos casos, depende principalmente - em alguns casos, quase exclusivamente - dos honorários ou remuneração pagos por seus alunos. As escolas não têm privilégios exclusivos. Para obter as honras de um diploma, não se exige que uma pessoa apresente certificado de haver estudado durante determinado número de anos em uma escola pública. Se ela demonstrar, no exame, que aprendeu aquilo que nessas escolas se ensina, não se pergunta em que lugar aprendeu<sup>[20]</sup>.

A idéia que se passa do sistema de ensino é que não consegue cumprir o que se propõe a fazer. Essas críticas são compreensíveis, pois a sociedade começa a mudar e nesta transição os valores expressos são questionados representando que a sociedade não reconhece seus antigos valores no que a escola oferece, e para Smith, a questão da utilidade não aparece como é o seu desejo principalmente quando aborda os livros usados para a educação dos filhos das *pessoas comuns*

Se, nessas pequenas escolas, os livros com os quais se ensinam as crianças a ler fossem um pouco mais instrutivos do que comumente o são, e se, em vez de um pequeno verniz de latim, que ali se ensinam aos filhos das pessoas comuns – e que dificilmente poderá ser-lhes de alguma utilidade –, se ensinassem os rudimentos da geometria e da mecânica, a educação literária dessa classe popular talvez fosse a mais completa possível<sup>[21]</sup>.

Contudo, a análise de Smith aponta que ao lado do conservadorismo há a mudança

No geral, as universidades mais ricas e mais bem-dotadas de recursos têm sido as mais lentas em adotar esses melhoramentos e as mais avessas a permitir qualquer alteração considerável no plano de educação estabelecido. Esses melhoramentos foram introduzidos com mais facilidade em algumas das universidades mais pobres, nas quais os professores, cuja reputação era a principal responsável por sua subsistência, eram obrigados a dispensar mais atenção às opiniões correntes do mundo<sup>[22]</sup>.

Como estamos em uma sociedade comercial, os indivíduos que tenham condições em gastar mais em educação sejam melhores preparados

A educação das pessoas comuns talvez exija, em uma sociedade civilizada e comercial, mais atenção por parte do Estado que a de pessoas de alguma posição e fortuna. (...) Se nem sempre são bem formados, raramente isso acontece por se ter gasto pouco em sua educação, mas antes devido à aplicação inadequada desses gastos. Raramente é por falta de professores, mas pela negligência e incapacidade dos professores disponíveis e pela dificuldade, ou melhor, pela impossibilidade de encontrar melhores mestres no atual estado das coisas<sup>[23]</sup>.

Buscando uma proposta que vise estender a educação das matérias essenciais (ler, escrever e calcular) para as camadas populares, Smith até concorda em que o Estado possa financiar parte da iniciativa

O Estado pode facilitar essa aprendizagem elementar criando em cada paróquia ou distrito uma pequena escola, onde as crianças possam ser ensinadas pagando tão pouco que até mesmo um trabalhador comum tem condições de arcar com este gasto, sendo o professor pago em parte, não totalmente, pelo Estado, digo só em parte porque, se o professor fosse pago totalmente, ou mesmo principalmente, com dinheiro do Estado, logo começaria a negligenciar seu trabalho<sup>[24]</sup>.

Dentro de sua preocupação com a educação, Adam Smith reconhece que há vantagens em educar as camadas inferiores da população

Ainda que o Estado não aufera nenhuma vantagem da instrução das camadas inferiores do povo, mesmo assim deveria procurar evitar que elas permaneçam totalmente sem instrução. Acontece, porém, que o estado aufera certa considerável vantagem da instrução do povo. Quanto mais instruído ele for, tanto menos estará sujeito às ilusões do entusiasmo e da superstição que, entre nações ignorantes, muitas vezes dão origem às mais temíveis desordens. Além disso, um povo instruído e inteligente sempre é mais decente e ordeiro do que um povo ignorante e obtuso<sup>[25]</sup>.

Se por um lado A Riqueza das Nações faz de Adam Smith um clássico da economia, delineando alguns fundamentos do capitalismo no século XVIII, por outro mostra a preocupação deste autor com a educação.

Na consolidação do modo de produção capitalista foram grandes as transformações na base da sociedade, novas formas de organização da produção e do trabalho, e para atender essas novas exigências a educação deveria formar um novo homem, claro que respeitando suas diferenças econômicas já apontadas no texto de Smith.

Analisando o início do capitalismo, Smith conseguiu descrever as mudanças que a educação estava passando para acompanhar as exigências do novo modo de produção. Essa educação que deveria ser mínima para todos e diferenciada para os que pudessem investir em sua formação, justificando seus ganhos posteriores após sua formação.

Essas observações de Adam Smith encontram ecos nos dias de hoje, mostrando a estreita ligação da educação e de sua dependência com o modo de produção vigente, e não podemos esquecer o pensamento que norteia e determina o acesso à instrução da básica à superior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EBY, Frederick. *História da Educação moderna: teoria, organização e práticas educacionais*. Trad. Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia, Malvina Cohen Zaide. 2ª. ed. Porto Alegre: Globo; Brasília: INL, 1976.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. Trad. Gaetano Lo Mônaco, ver. Trad. Rosa Anjo Oliveira e Paolo Nosella. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANTONI RUGIU, Antônio. *Nostalgia do mestre artesão*. Trad. Maria de Lourdes Monon. Campinas, SP: Autores associados, 1998.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Vol. I e II.
- TRINDADE, Hélió (org.). *Universidade em ruínas: na república dos professores*. Petrópolis, RJ: Vozes/Rio Grande do Sul: CIPEDS, 1999.
- VILAR, Pierre. A transição do feudalismo ao capitalismo. In: *Capitalismo: transição*. SANTIAGO, Theo Araújo (Org. e trad.). São Paulo: Ed. Moraes, s.d.

---

[1] Doutorando do programa de pós graduação em Educação da UNICAMP, na Área de Concentração “História, Filosofia e Educação”. Email: jdmoraes@unicamp.br

[2] Villar, s.d. p.51

[3] Trindade, 1999, p.15

[4] Eby, 1976 , p.324

[5] Smith, 1996, p.65-66, v. I

[6] Santoni Rugiu, 1998, p. 127

[7] Smith, 1996, p.70, v. I

[8] Smith, 1996, p.101, v. I

[9] Smith, 1996, p. 129, v. I

[10] Smith, 1996, p.149, v. I

[11] Smith, 1996, p.150 - 151, v. I

[12] Smith, 1996, p. 174, v. I

[13] Smith, 1996, p. 175, v. I

[14] Smith, 1996, p.176, v. I

[15] Smith, 1996, p.229, v. II

[16] Smith, 1996, p.229, v. II

[17] Smith, 1996, p.232, v. II

[18] Smith, 1996, p.231, v. II

[19] Smith, 1996, p.230, v. II

[20] Smith, 1996, p.232-233, v. II

[21] Smith, 1996, p.246-247, v. II

[22] Smith, 1996, p.238, v. II

[23] Smith, 1996, p.245-246, v. II

[24] Smith, 1996, p.246, v. II

[25] Smith, 1996, p. 249, v. II